

SOBRE O AUTOR

Por William Soares dos Santos

Eduardo A. é um daqueles escritores que começou a praticar a sua vocação em nossa oficina. O conto que trazemos é uma de suas primeiras produções. Em sua escrita ele explora o ser em confronto com seu destino e a dificuldade de realizar escolhas que levem o personagem a encontrar um lugar de conforto na existência.

Sobre o seu conto: em “O colecionador de palavras” temos um personagem homem que fala diretamente com o leitor e que, não obstante tenha nascido em um ambiente privilegiado ao desenvolvimento de suas habilidades, não sabe o que fazer com seus talentos. Em uma escritura que nos faz lembrar o romance Oblómov, de Ivan Gontcharov ou as Memórias Póstumas de um anti-herói brasileiro bem conhecido, o autor nos remete à ideologia “black pill” dos “Incels”, (“involuntary celibates” ou, em português, “homens virgens involuntários”). Os “incels” “black-pilled” acreditam em um conjunto de crenças que envolvem, entre outras coisas, o fatalismo e o determinismo biológico para justificarem a sua misoginia. Ou seja, é preciso muito Freud para tentar explicar.



EDUARDO
A.



[05]



O Colecionador de Palavras

Eduardo A.

No início, era nada. Depois, o verbo fez-se carne. Não digo que acredito que sou das criações de Deus pois isso implicaria que Ele comete erros. Espera. Fui do extremo começo para o extremo fim. Entre eles há uma lacuna, e é dela que devo começar.

No início, era nada. Com o tempo, o verbo fez-se carne. Quando ouço alguém dizer algo sobre seu próprio nascimento, o miserável sempre tem a intenção de querer mostrar que foi algo diferente do normal ou até de justificar que o que aconteceu naquele momento já era um prelúdio do que viria no decorrer de sua vida. Povo idiota. Minha chegada por aqui foi tão natural quanto a de qualquer outro, cheguei sem saber dizer sequer uma palavra. Curiosamente, morri do mesmo jeito.

Posso dizer que minha vida era como uma ópera frequentada por uma burguesia decadente; meu público fazia esforço para apreciar o que via com o intuito de se enobrecer. Ainda tal qual uma ópera, figurantes saíam e entravam a cada interlúdio sem que pudessem ter sua identidade reconhecida. Assim como eles, com meu público e como esses figurantes, foram as pessoas na minha vida; entravam para serem vistas e saíam sem serem notadas. E assim serão lembradas aqui, como interlúdios.

Atingi a maturidade cedo... Aos sete meses já tinha dito minha primeira palavra: Edro. E o que seria Edro? E se eu disser que Edro é Pedro? Pedro é o pai que tive, o qual mãezinha sempre falava. Não posso dizer que sabia o que ela dizia, mas tenho certeza que não era sobre as coisas boas que

Pedro fazia. Assim que viram que comecei a falar cedo, já pensaram que eu era um daqueles pontos fora da curva. Tão logo, começaram a me ensinar um milhão de coisas e repreender imediatamente qualquer um dos meus erros. Mãezinha sempre dizia orgulhosa que, ao fim de uma semana após ter dito Edro pela primeira vez, Edro já tinha virado Pedro. Agora, imaginem vocês quantas vezes eu não tive que ser corrigido ou quantas vezes ela falava nele. Se eu ficasse de boca calada, minha vida teria sido mais fácil, tenho certeza. Ainda hoje, ponho o “p” na frente das coisas; antes de fazer algo já invoco logo o “p”, de “puta que pariu”.

Me puseram, já cedinho, numa daquelas escolinhas onde os fedelhos já parecem adultos, “pra mim fazer” todas as coisas que esperavam de mim. Logo ali, já me disseram que “mim” não faz nada, que “mim” é índio e que eu era homem branco, civilizado, burguês, europeu, que teria um futuro grande porque tinha herdado a inteligência de meu vózinho francês, que era um escritor famoso – Adivinhem vocês como descobriram isso por lá... Tenho certeza que a culpa é toda do velho. Fez Pedro virar o que se tornou para fingir que não se importava com a própria mediocridade.

Depois, veio a porra da professora que já disse logo que eu era bom com os números também. Nem posso dizer que a cretina era uma daquelas mentirosas que massageiam o ego dos pais que, não satisfeitos em perturbar os filhos, ainda perturbam os professores.

Mas era a sina de vózinho a que mais me perseguia. Tornei-me um soberbo colecionador de palavras, empertigado. Nem posso dizer que Pedro e mãezinha estavam errados, eu era foda mesmo. Não demorou muito e comecei a perceber que subordinar todas as palavras não era suficiente para compensar minha inaptidão em lidar com as coisas que não sabia dizer. Foi no dia que fui defender a menina Luana “que chupa banana”. Eu, como cavaleiro, francês, burguês, homem branco e civilizado levei duas surras naquele dia; a primeira do Enzo depois de tentar afagar a dor de Luana com os punhos na cara de Enzo que continuo dizendo “Luana chupa minha banana”. Já a segunda surra, partiu de Pedro que sempre avisou de antemão que, se apanhasse na rua, apanharia de novo, em casa. Foi-se dito e foi-se feito.

Tive um conforto aquele dia, depois de não conseguir respirar de tanto chorar. Chorava não só porque era aquela coisinha magra, pálida de maçãs enrubescidas que apanhara de dois brutamontes, mas também porque não conseguia contar pra mãezinha o motivo do choro. Quanto mais ela perguntava, mais eu desmanchava. Enquanto me aflagava no seu colo e guardava os dedos no meu cabelo, mãezinha me ensinou a estalar. Ela me disse que quando ficava triste assim, estalava tudo que conseguisse, enquanto contava o número dos ‘tracks’ e, ao mesmo tempo, respirava de olhos fechados, como uma Justiça indolente. Ela me disse para tentar, mas eu não consegui estalar sequer um dedinho! Ela estalou, então, os dedos da minha mão esquerda. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Assim que terminou, disse para eu tentar com os da mão direita agora. Seis. Sete. Oito. Nove. Dez. Com o mérito da cura, até passou minha agrura. Ah, como amava o cheiro de Mãezinha.

No decorrer dos anos cresci feito massa de pão. Servindo de alimento para as bactérias que se alimentavam de mim e me retribuía com gases. Enquanto os outros ainda lidavam com a liquidez, eu já tinha que lidar com os gases. Os gases, em vez de me afofar, só me faziam querer estourar. Claro que fui muito bem sovado também, apanhei de todos os lados e de várias mãos o que, depois de ir ao forno, me fez ficar com a casca durinha, mas macio demais por dentro. Perfeito pra ter

o miolo arrancado. Mais um pouco, e aprendi todas as coisas que um homem sério dizia: “sim” querendo dizer “não”; “por favor”, como se estivessem me fazendo um. E, sobretudo, aprendi a mentir sobre as coisas que sentia. O fazia tão bem que eu até eu mesmo me convencia, até então.

Foi dessa mistura de autoapatia com talento pessoal que eu somava o montante mensal que legitimava as coisas por quais passara. Foda era ver que coroavam Pedro com meu reino... Mãezinha não teve esse mérito, foi-se embora cedinho... Ainda tiveram a coragem de me dizer que Deus leva os bons primeiro. Nem eu, com toda minha soberba, me atrevia a dizer como Deus agia, já Pedro e os outros... se achavam os próprios apóstolos. Jesus tá fodido... Acreditar em Deus era, acima de tudo, um consolo. Não por saber que são bem-aventurados os justos, mas por saber que o inferno aguardava tanta gente. Pedro ia dormir bem quentinho, certeza.

Certo dia, tive que cuidar da Bruna. Bruna era filha da vizinha, Antônia. Primeiro me perguntei que tipo de mãe largava a filha com o vizinho. A mão de vaca nem pra chamar uma babá. A doida devia achar que só porque sou bonito, automaticamente, não sou a porra dum pedófilo. Depois de um tempo, comecei a pensar que Antônia era mais uma Maria que tinha mais um Pedro como José. A verdade era que eu até gostava da fedelha, ela era do tipo que sempre falava alguma coisa que te fazia pensar. Pensar em mandá-la calar a boca, às vezes, mas, ainda assim, te fazia refletir.

Comigo não foi diferente, minha "pequena plebeia" me disse que quando alguém demora muito para responder algo ou é porque não sabe a resposta ou, pior, que a pergunta não tem resposta. Disparou essa logo depois de ter me perguntado o que eu mais gostava na vida e eu não ter conseguido responder. Acho que Bruna era só uma criança normal que colecionava as perguntas e não as palavras.

Quando digo que coleciono palavras não era só por guardá-las em mim, mas também por guardá-las para mim. Todos me ensinaram o que falar, mas poucos aprenderam a ouvir e, por isso, desaprendi de dizer. As palavras, as mesmas que colecionava, me punham no fio da navalha. Sempre tive de recorrer a estalar, mas estava ficando muito frequente.

Estalar era a prova de que eu ainda estava conectado com as partes do meu corpo apesar da dormência da minha vida. Estalar os dedos me dava o alívio de saber que ainda tocava alguém; os antebraços, de que poderia responder a um abraço; a coluna, que poderia continuar de pé depois das quedas; os tornozelos, que meus pés poderiam continuar correndo das coisas.

Os dias se repetiam e eu não conseguia dizer as coisas que sentia. Chorava até soluçar e, então, até não conseguir respirar. Estalei tudo: os dedos, os pulsos, os tornozelos, os joelhos, as costas, mas não passava. Recorri, por fim, a estalar a única coisa que mãezinha nunca estalou, o pescoço. No ‘track’, me veio justo seu cheiro me chamando para dar passeio.



TRAC

TRAC

TRAC